

Artes Visuais e Comunidade: práticas artísticas com estudantes do ensino superior

TERESA PEREIRA
teresa.peras@gmail.com

KÁTIA COUTO SÁ
sakatia@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa os processos de trabalho desenvolvidos na licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa designadamente na Unidade Curricular de Artes Visuais e Comunidade desde a sua criação (em 2014/15) até à mudança de designação para Educação para a Cidadania Global e Artes Visuais (2016/2017). Ao longo dos dois anos letivos, foram implementados nove projetos que assumiram diferentes modalidades de trabalho, com e para a comunidade, através das artes visuais – desde o trabalho colaborativo/coletivo à *street art*, ou a preservação da memória local/cultural. O texto reflete uma análise crítica do trabalho realizado, que envolveu estudantes, professores e diferentes comunidades de modo a perspetivar outras formas de pensar o ensino das artes visuais a partir de uma dimensão coletiva, onde se cruzam aspetos de natureza estética, artística, cultural e ética.

Palavras-chave:

Artes Visuais; Comunidade; Identidade; Memória Coletiva; Cidadania Global.

Abstract

This paper analyses the work processes developed in the Curricular Unit of Visual Arts and Community (integrated in the Visual Arts and technologies BA at Lisbon Superior School of Education) since its foundation (in 2014/2015) until the change to Education for Global Citizenship and Visual Arts (2016 / 2017). Over the two academic years were implemented nine projects that assumed different work forms with and for the community through visual arts practices - from collaborative / collective approach to street art, or local/cultural memory preservation. The text reflects a critical analysis of a work which involved students, teachers and different communities in order to perspective other ways of visual arts teaching practices from a collective dimension intersecting aesthetic, artistic, cultural and ethical issues.

Key concepts:

Visual arts; Community; Identity; Collective Memory; Global Citizenship.

Introdução

No ano letivo de 2014/2015 foi introduzida uma Unidade Curricular (UC) de Artes Visuais e Comunidade (AVC) no plano de estudos da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias (AVT) da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx) com vista a criar um espaço de ligação efetiva com outros contextos de criação artística que possibilitasse o desenvolvimento de dinâmicas de trabalho coletivo/ colaborativo e apresentasse alternativas a práticas que, tradicionalmente, estão associadas a uma certa visão individualista de arte.

O presente texto faz um balanço do trabalho desenvolvido, ao longo dos últimos dois anos letivos, em que a UC assumiu como principais objetivos i) proporcionar aos estudantes um conjunto de experiências que envolvem a intervenção artística em espaços públicos bem como o desenvolvimento de processos de trabalho colaborativos e ii) a compreensão do papel que as artes visuais podem desempenhar em contextos de intervenção comunitária, considerando questões como a memória coletiva, as construções identitárias, sentidos de pertença e configurações criativas.

Este percurso, longe de ser linear, conheceu algumas bifurcações, quer pela natureza da própria UC quer por uma maior aproximação

às problemáticas da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global. Na verdade, a UC previu, desde início, uma articulação com o Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral (CIDAC), uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que, num primeiro momento passou pela dinamização de um seminário (ano 2014/15) e mais tarde na partilha das aulas do primeiro semestre com uma UC da licenciatura em Educação Básica – Educação para o Desenvolvimento (ED).

A esta partilha esteve subjacente um estreitamento das ligações entre as questões de uma Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global e as práticas artísticas e educativas. Neste quadro, pretendeu-se, por um lado, aprofundar uma leitura de várias realidades de modo a poder intervir de forma efetiva, compreendendo a abrangência e os impactos a nível local, regional e nacional das grandes questões globais da atualidade e, por outro, promover junto dos estudantes o desenvolvimento de um sentido crítico, face às diversas realidades sociais/ culturais e um envolvimento marcado por atitudes informadas e responsáveis.

1. Arte, Comunidade e Educação para a Cidadania Global

As modalidades de relacionamento entre arte, espaço público, sociedade e território que atualmente se desenham num panorama criativo “extra museológico”, conduzem a novos sistemas de apreciação mas também exigem uma outra perceção do papel da escola na formação de artistas, agentes culturais e, sobretudo públicos informados.

De facto, os artistas que na contemporaneidade enveredaram por práticas que se afastam dos contextos museológicos e galerísticos tradicionais procuram uma redefinição do papel social do artista e da arte, tornando-a um campo de democratização no acesso à cultura (Maio:2011).

Estas práticas assumem um conjunto diverso de designações como *Street Art*¹, *Community-Based Art*,² entre outras, e têm sido objeto de interesse e estudo de vários autores que assinalam a responsabilidade social do artista e a participação da comunidade no processo de de-

envolvimento artístico. A título de exemplo destacam-se autores como Tom Finkelpearl (2000), Don Adams e Arlene Goldbard (2001, 2006) que abordam os princípios da arte pública e da *community-based art* a partir de uma série de projetos desenvolvidos nos EUA e Canadá, onde a comunidade assume um papel fundamental na conceção e desenvolvimento das intervenções artísticas. Mais recentemente, os autores Paul de Bruyne e Pascal Gielen (2011) reformulam a crítica sobre a arte na comunidade, reunindo o contributo teórico de alguns dos principais pensadores sobre o tema.

Contudo será a partir da observação da diversidade das práticas que se intensificaram nas últimas duas décadas que poderemos delinear várias formas de ligação entre os domínios artísticos e um conjunto de processos de participação, colaboração e intervenção social, situando-se ao nível do trabalho artístico com a comunidade, para a comunidade e sobre a comunidade. Neste caso, sobrevém a dimensão coletiva dos processos criativos, desenvolvidos com grupos heterogéneos e não a individualidade autoral que tradicionalmente caracteriza a criação artística no âmbito das artes visuais.

A discussão, negociação, partilha de experiências, memórias sociais, culturais, dos lugares e do tempo, tornam-se o motor de todo o pro-

¹ *Street Art* ou arte urbana é um termo que aglutina um conjunto de manifestações artísticas/criativas de caráter efêmero (*grafitti*, instalação, *yarnbombing*, *stickers stencil*, etc.) desenvolvidas em espaço público e que inicialmente se distinguiram da arte pública por não se encontrarem enquadradas institucionalmente e apresentarem uma natureza espontânea.

² *Community-based art* refere-se a um conjunto de práticas artísticas, desenvolvidas com o objetivo de envolver uma determinada comunidade (balizada por critérios de natureza territorial, demográfica, etária, cultural, etc.) no âmbito de um diálogo mais alargado com vista proporcionar uma mudança positiva na forma como esta se relaciona internamente ou com contextos mais amplos (regionais nacionais, globais)

cesso de criação e assumem maior protagonismo que o próprio objeto final já que proporcionam novas perspetivas da realidade, construídas, a partir de uma relação intersubjetiva.

Estes processos artísticos colaborativos e/ou participativos configuram-se igualmente como espaços com elevado potencial de âmbito educativo já que proporcionam não só o desenvolvimento de conhecimentos técnicos e competências cognitivas mas igualmente de valores e competências socioemocionais (*soft skills*) capazes de promover, desde cedo, atitudes conducentes à vivência num mundo “mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável” (UNESCO: 2015, 11). Na verdade, as mudanças de paradigma ao nível da educação possibilitam um maior enfoque no papel da formação e das aprendizagens para a compreensão e intervenção consequente nos domínios social, político, cultural, económico e ambiental considerando que, numa realidade marcada pela globalização a ação local produz ou depende de causas transnacionais.

Neste sentido, os princípios, que alicerçam a Educação para a Cidadania Global (proposta pela UNESCO em 2012 através da *Global Education First Initiative*), surgem igualmente como nós que entrelaçam as práticas artísticas com a comunidade, a promoção de valo-

res e desenvolvimento de aptidões, designadamente a i) abordagem das problemáticas sociais, culturais ou outras de forma sistemática, criativa e sob diversas perspetivas; ii) a capacidade de gerar empatia e consensos, impedindo, ultrapassando e/ou resolvendo situações de conflito; iii) a criação de redes que incluam pessoas com diferentes experiências, aptidões, origens e culturas; iv) a aceitação e adoção de princípios universais como justiça, igualdade, dignidade e respeito; v) a capacidade de compreender a construção das identidades coletivas para além das diferenças culturais, religiosas ou étnicas; e vi) a capacidade de agir de forma colaborativa com vista ao bem comum; Como poderemos perceber, educação para e pela cidadania global, não pode consistir num acumular de saberes mas sim na co-construção do conhecimento, na comunicação dialógica, intervenção democrática e eticamente responsável que “tem como essência a construção de competências de cidadania como prática, através de experiências de participação crítica e não apenas como produto colateral de informações” (Gonçalves e Sousa: 2012,52).

Através da arte é igualmente possível atenuar algumas tensões que se colocam na Educação para a Cidadania Global nomeadamente a tensão entre valores e identidades individuais e princípios universais

uma vez que os processos artísticos comportam uma dupla dimensão individual, modelada na aquisição e desenvolvimento de conhecimentos de ordem técnica, valores de natureza estética e aptidões comunicacionais, e uma outra dimensão coletiva, plasmada na comunicação, partilha e discussão desses conhecimentos e valores; permite estabelecer uma ligação transversal entre a formação do “cidadão concreto” e do “cidadão universal” já que incentiva o desenvolvimento da criatividade, do sentido crítico, mas também da cooperação e da capacidade de gerar respostas originais de forma intersubjetiva.

Neste sentido aos artistas envolvidos no trabalho com a comunidade cabe desenvolver estratégias para a construção de consensos, abertura e honestidade da partilha, delinear acordos entre grupos com interesses comuns (apesar das suas diferenças individuais, culturais, de classe, género, etc.) propor abordagens capazes de provocar a criação/construção intersubjetiva de respostas, estimular a participação e encorajar a uma ação eticamente responsável.

A nosso ver, esta (outra) vertente das artes visuais desenvolvidas em contextos comunitários deverá integrar o leque das práticas de formação artística, existindo para tal, espaços próprios de experimenta-

ção e partilha de experiências com diferentes grupos e contacto com realidades diversas sob o ponto de vista cultural, social, artístico. Em suma, possibilitar aos estudantes de Artes Visuais e Tecnologias (AVT) a convivência com distintas modalidades de uma criatividade coletiva que se expressa através de diversas vozes e acarreta não só competências de ordem estético-artística mas igualmente de natureza ética e comunicacional.

2. Metodologias de abordagem

Considerando a sua natureza multidimensional, a UC foi lecionada por uma equipa de docentes com formações que abrangem as áreas das artes visuais (pintura, escultura, multimédia) e educação, de forma a responder à diversidade de contextos e problemáticas, garantindo, simultaneamente, o aprofundamento de abordagens de natureza transversal e transdisciplinar.

Em segundo lugar, foi necessário adaptar e flexibilizar as metodologias de trabalho, com recurso a discussão de estudos de caso, pesquisa documental e empírica ou metodologia de projeto em artes visuais. Neste sentido, o trabalho desenvolvido no âmbito da UC dividiu-se entre o espaço das aulas, seminários, visitas a diversas instituições e contextos de intervenção, entrevistas, residências artísticas, expo-

sições e sessões de apresentação de resultados e reflexão conjunta com os vários intervenientes.

Desde o início, o espaço das aulas abriu-se à discussão de problemáticas de natureza variada com a intervenção e o testemunho de pessoas diretamente implicadas em ações no terreno. Neste sentido, e atendendo à partilha das aulas com a UC de ED, foi reforçada a participação de instituições e agentes com intervenções de ordem vária, atendendo, sobretudo, a uma exploração e discussão das questões ligadas à Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global, contemplando, entre outras, problemáticas como a sustentabilidade alimentar e social, acesso e utilização dos media ou desigualdades no acesso à educação.

A par destas intervenções por parceiros externos foram organizados seminários abertos à comunidade (dois seminários intitulados “*Arte & Comunidade. Compromissos, Partilha e Reflexão*” e um seminário “*Síndrome de Asperger (SA) no Contexto das Artes*”. A parceria com várias instituições, a intervenção de artistas, investigadores, agentes culturais, representantes de ONG, autarquias ou educadores (fig.1) proporcionaram diferentes perspetivas, quer ao nível estético,

quer ao nível das modalidades de colaboração, participação e inclusão através das práticas artísticas.



Fig. 1 Cartazes dos seminários 2014 —2016

Tomando como ponto de partida os contatos efetuados com os vários parceiros, foram delineadas problemáticas e posteriormente apresentadas aos estudantes sob a forma de uma “bolsa de projetos”. Importa referir que o elenco de propostas apresentadas procurou ser o mais diversificado possível de modo a abarcar os vários domínios da intervenção artística desde a *Street Art*, *Land Art*³, processos colaborativos e outras modalidades de participação da/na comunidade, possibilitando a cada grupo de estudantes a escolha do projeto que melhor correspondesse aos seus interesses e expectativas.

³ *Land Art*, *Earth Art* ou *Earthwork* surge no final da década de 60 do séc. XX e é preconizada pela intervenção na paisagem ou espaços naturais utilizando os recursos disponíveis no local (terra, pedra ou outros elementos naturais).

Após a escolha do projeto, iniciou-se um processo de trabalho que passou pela pesquisa em torno da problemática associada a cada contexto, visita exploratória aos contextos de intervenção estabelecendo um primeiro contato com a comunidade, recolha de informação que a caracteriza e a definição de objetivos gerais.

Após esta primeira etapa, são confrontados os materiais recolhidos na 1ª visita com pesquisa documental e efetuada uma contextualização prévia dos territórios/comunidades/instituições, apresentada e discutida em espaço de aula.

Seguiram-se outras visitas que possibilitaram a recolha de mais dados, estreitamento da relação com a comunidade e o delinear de estratégias criativas e de intervenção. Nesse momento, avançaram-se propostas de projeto, discutidas e construídas com os interlocutores em cada contexto de intervenção, as dinâmicas de atuação mais adequadas, atividades a desenvolver, etapas e cronograma, resultados esperados, etc.

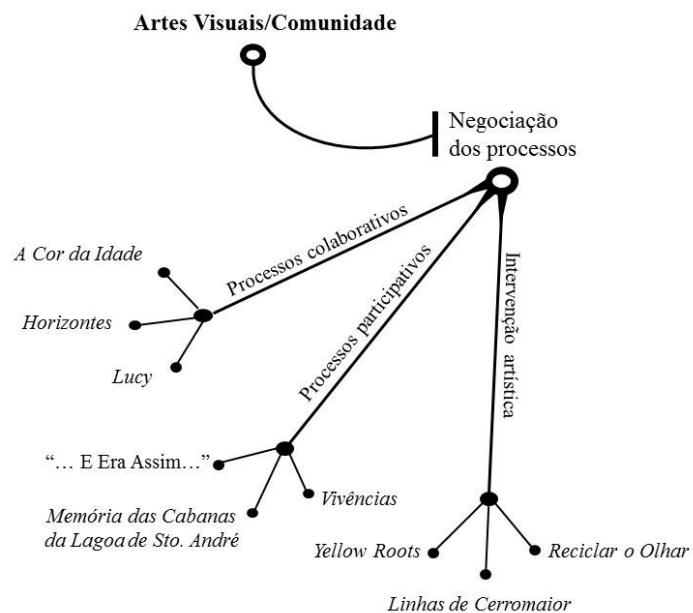
A implementação dos projetos realizou-se aquando das residências artísticas, com a duração média de três dias, no âmbito das quais foram concluídas as recolhas de dados e a realização de atividades focadas no trabalho colaborativo com as comunidades, resultando

daí a criação de objetos — cuja natureza variou de acordo com os diversos contextos e objetivos de cada proposta.

As residências artísticas tiveram como principal objetivo o alargamento do contacto com as comunidades de modo a proporcionar uma experiência de imersão nos contextos durante a qual se desenvolveram um conjunto de atividades. As metodologias de trabalho variaram de acordo com cada projeto em particular como veremos mais adiante e incidiram em processos de trabalho colaborativo, participativo ou de intervenção dos grupos de trabalho.

A apresentação, discussão e devolução de cada projeto à comunidade assumiu diversas modalidades respondendo, em simultâneo, aos calendários académicos ou a outras temporalidades que são as das comunidades e instituições envolvidas. Assim, foram realizadas apresentações dos trabalhos nos contextos escolares das turmas com a discussão dos resultados, bem como a realização de reuniões com os parceiros envolvidos no sentido de discutir e fazer um balanço acerca do funcionamento da UC, contemplando aspetos positivos, negativos e constrangimentos que se apresentaram ao longo dos processos, de modo a perspetivar formas de melhorar o seu desenvolvimento no ano letivo seguinte.

Finalmente, a devolução dos projetos à comunidade assumiu duas modalidades: a exposição de materiais ou a realização de encontros para partilha de resultados finais e acolhimento do *feedback* dos grupos envolvidos.



Esquema 1 Linhas de projetos

3. Projetos

No decurso destes dois anos foram desenvolvidos nove projetos

transversais a diferentes modalidades estético-artísticas que associaram a intervenção no espaço à partilha de experiências e conhecimentos, em contextos de natureza variada. O esquema e quadro seguintes fazem uma síntese desses projetos, considerando as especificidades dos processos de trabalho e modalidades de envolvimento/participação da comunidade (esquema e quadro.1).

Projeto	Contexto	Ano	Descrição
A Cor da Idade	Centro de Dia de Alvalade Sado. Concelho de Santiago do Cacém	2015	Trabalho colaborativo com os utentes do Centro de Dia na criação de um painel coletivo, para integrar o novo Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) de Alvalade Sado.
Yellow Roots	Monte do Giestal. Concelho de Santiago do Cacém	2015	Intervenção artística no âmbito da <i>Land Art</i> num espaço de turismo rural.
Linhas de Cerromaior	Santiago do Cacém	2015	Intervenção artística com base em escrita no espaço urbano.
Memória das Cabanas da Costa de Santo André	Costa de Santo André. Concelho de Santiago do Cacém	2015	Processo participativo na realização de um vídeo documental sobre a memória de construção das cabanas da lagoa de Santo André.
“... E era assim...”	Museu do Trabalho Rural (Abela). Concelho de Santiago do Cacém	2015	Processo participativo na realização de uma instalação e de um vídeo sobre a memória do trabalho rural.

Projeto	Contexto	Ano	Descrição
Reciclar o Olhar	Freguesia de Benfica. Lisboa	2015	Intervenção artística. Projeto street art integrado na intervenção homónima em espaço público, promovida pela GAU — Galeria de Arte Urbana da Câmara Municipal de Lisboa.
Vivências	Museu da Farinha (S. Domingo). Concelho de Santiago do Cacém	2016	Processo participativo na realização de um vídeo sobre as vivências rurais ligadas ao cultivo dos cereais e fabrico do pão.
Lucy	Casa Grande (APSA) Lisboa	2016	Projeto no âmbito da inclusão, desenvolvimento humano e social. Processo colaborativo de construção de um espantalho — Lucy — para a horta da Casa Grande, levado a cabo por um grupo de estudantes da ESELx e jovens com Síndrome de Asperger.
Horizontes	Raízes - Associação de Apoio à Criança e ao Jovem Claquete E6G-Produtora Juvenil de \Audiovisuais e Multimédia. Lisboa	2016	Projeto no âmbito da partilha de informação e conhecimento, intercâmbio intergeracional, mudança de mentalidades ou estilos de vida. Processo colaborativo de criação de um “vídeo motivacional” — Horizontes — entre um grupo de estudantes da ESELx e um outro grupo de estudantes da Escola Básica 2,3 Pintor Almada Negreiros, de uma turma vocacional, acompanhados pela Claquete E6G.

Quadro 1 Projetos desenvolvidos nos anos letivos de 2014 a 2016

3.1. Memória e Identidade

Os projetos “... *E era assim...*” e “*Vivências*” tiveram como contextos de intervenção dois espaços museológicos, ambos situados no concelho de Santiago do Cacém que, de forma diferente estabelecem uma ligação com a ruralidade (Museu do Trabalho Rural em Abela e Museu da Farinha em, S. Domingos) e procuram interpelar discursos e construções de uma identidade local que tem no “trabalho do campo” um dos pontos de ancoragem da memória coletiva (direta ou indiretamente).

Tanto um como o outro são devedores de uma memória dos lugares e do trabalho, mas também das transformações socioeconómicas das últimas décadas (derivadas, em larga medida, pelas políticas agrícolas implementadas após a entrada do país na Comunidade Europeia) e dos impactos que estas tiveram quer no universo laboral quer das sociabilidades, memória cultural partilhada, ocupação e vivências do território.

O projeto “... *E era assim...*” da autoria das estudantes Carina Custódio, Gabriela Lima e Márcia Fernandes, desenvolveu-se no ano de 2015 a partir do Museu do Trabalho Rural em Abela, em particular da exposição temporária intitulada *Memória e Identidade. A Alfaia*

Agrícola Tradicional. O museu, inaugurado em 2008, constitui-se como o espaço de (re)construção de discursos de pertença a partir de um conjunto de objetos como alfaias e outros instrumentos rurais, cartas agrícolas, documentação escrita e visual que, emprestada por cerca de uma centena de colaboradores, assume uma dimensão territorial e procura abranger um acervo de práticas e conhecimentos de ordem técnica, social e cultural.

Considerando as inúmeras possibilidades de significação, passíveis de propor (re)leituras da realidade, foram delineadas formas de abordagem à coleção exposta que procuraram convocar a memória da sua utilização (dando voz aos seus utilizadores diretos) bem como interpelar de forma simbólica uma comunidade rural que nas últimas décadas tem sofrido profundas alterações.

Neste sentido o projeto assumiu uma dupla dimensão material e imaterial pela criação, em primeiro lugar, de uma instalação no painel existente na fachada do Museu e de um vídeo com testemunhos de pessoas (Rosinda, Deolinda e António) que partilharam as suas vivências no “trabalho do campo”.

A instalação teve por base a reprodução fotográfica de alguns dos objetos emblemáticos da exposição de forma a interpelar o transe-

unte, convidando-o a entrar ou a rememorar nomes, origens e funções dos objetos assim convertidos em presenças simbólicas.

O vídeo sintetizou uma primeira recolha de testemunhos orais que, complementando os significados atribuídos aos objetos expostos, procurou dar voz àqueles que fizeram da sua utilização regular um modo de subsistência até há poucas décadas atrás.

Estas duas formas de intervenção artística possibilitaram experimentar modalidades de perspetivar a relação com realidades afastadas do quotidiano das estudantes envolvidas, através de um contato direto com interlocutores locais, e, sobretudo, perceber a necessidade de aprofundar a recolha e conservação da oralidade como práticas de significação intersubjetiva (fig.2).

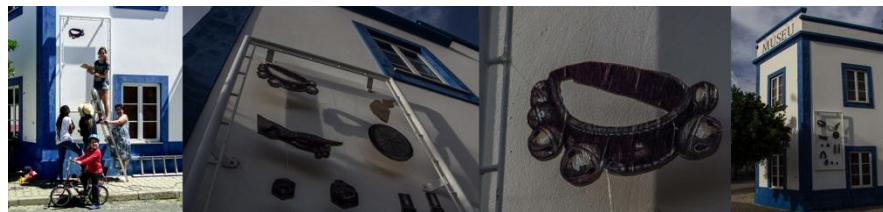


Fig. 2 Projeto “... E era assim...” 2015

O projeto “*Vivências*”, realizado por Catarina Alpoim e Renato Coelho, em 2016, tem como contexto de intervenção o Museu da Fari-

nha, localizado na aldeia de S. Domingos. O Museu, inaugurado em 2014 resultou de um processo de revitalização e musealização da antiga Fábrica de Moagem de S. Domingos que pertenceu a José Mateus Vilhena e laborou entre 1925 e 1982.

Enquanto espaço de salvaguarda e divulgação do património, integra, além da componente industrial, uma dimensão imaterial do saber-fazer — configurada nos gestos repetidos que dão corporalidade às técnicas — e se estende às tradições e costumes que prefiguram histórias de vida, sociabilidades, identidades, etc..

A ligação à comunidade incorpora uma dimensão educativa — forjada no tributo à memória de realidades que ainda não estão assim tão distantes do presente - mas também participativa - pela construção partilhada daquilo que são as realidades museológicas. Neste caso destacam-se a realização de um conjunto de eventos com a participação ativa da comunidade e a criação de um grupo informal de mulheres que semanalmente se reúne no espaço da padaria, adjacente à moagem. Este grupo, denominado, “*Entre Agulhas e Dedais*”, surge como um espaço de partilha de saberes artesanais e de sociabilidades que, segundo as próprias, consegue quebrar com um certo isolamento dos seus quotidianos.

O processo de trabalho desenvolvido com o Museu da Farinha passou por um conjunto de reajustes e negociações que decorreram das visitas prévias ao espaço e aldeia de S. Domingos com vista a melhor conhecer o território e o contexto museológico — confrontando um conhecimento advindo da pesquisa documental com a realidade tangível — quer com o grupo de mulheres que posteriormente viria a assumir o protagonismo do projeto.

Destes contatos emergiu uma problemática que já anteriormente fora sentida pelo grupo que no ano anterior tinha desenvolvido o projeto no Museu do Trabalho Rural de Abela: a necessidade de registar os contributos para o conhecimento de uma dada realidade comunitária ou memória através da oralidade.

Assim, o trabalho desenvolvido passou por um conjunto de entrevistas semiestruturadas a cinco mulheres (Valentina Barrinha, Sizaltina de Sousa, Rosalina Pais, Maria Antónia Gamito, Maria Antónia Vilhena) que focavam a memória dos saberes associados à moagem dos cereais ao fabrico do pão e do azeite (enquanto elementos simultaneamente basilares à economia, alimentação e vivências sociais). As entrevistas, registadas em vídeo são acompanhadas de um conjunto de imagens e objetos que, ao assumir a função de mediadores

da narração, tornam tangíveis os saberes que ocupavam (e ocupam ainda) o quotidiano destas mulheres.

Segundo os estudantes o ponto de partida das conversas tinha por base o seguinte pressuposto: “*A Fábrica de Farinha potenciou o contato de pessoas de fora e dentro da aldeia, criando oportunidade para a partilha de memórias. A farinha por seu lado estimulou diálogo entre os habitantes, que utilizavam os fornos [comunitários] para fazer os pães. Isto conjugado com as semanas ao relento, para colher [e debulhar] o trigo, dará origens a histórias que são a janela perfeita para um mundo que já não existe.*”

Através da narrativa foi possível estabelecer não só um método de trabalho de recolha como também explorar esteticamente uma forma de expressão que possibilita aceder de forma integral às várias dimensões sociais, culturais, individuais, etc. de que se revestem as experiências de vida.

Atendendo aos contatos prévios com o grupo de mulheres e a constatação de uma diversidade pontos de vista que, de forma global, possibilitavam uma visão mais alargada da problemática em jogo, foram consideradas nos guiões das entrevistas, as várias perspetivas que cada mulher foi acrescentando ao foco central das conversas.

Neste sentido, definiram-se alguns temas de conversa em torno do “trabalho do campo” e a ligação à moagem, designadamente:

- As condições precárias e a pobreza dos trabalhadores rurais;
- O trabalho infantil e a escolarização;
- A alimentação (a importância do pão e do azeite);
- O estatuto das mulheres, o trabalho rural e a maternidade;
- A ocupação do tempo de lazer;
- A passagem do trabalho de “sol a sol” para uma jornada de 8h diárias;
- O “antes” e o “depois” do 25 de abril nos campos;
- Alterações mais recentes nos campos derivadas da Política Agrícola Comum (PAC)

Ao longo da residência de três dias (entre o dia 13 e 15 de maio) foram realizadas as cinco entrevistas nos espaços do Museu da Farinha bem como uma recolha de imagens dos arredores de S. Domingos, do lagar de azeite e do quotidiano da aldeia. Daqui resultaram cerca de dez horas de material audiovisual que, dada a escassez de tempo (com o ano letivo a terminar no final de maio) bem como a sua natureza intrínseca, foram sujeitas a uma sele-

ção e edição com vista a criar um objeto passível de integrar o percurso e o discurso museográficos (fig.3).



Fig. 3 Projeto “ Vivências” 2016 (fotografias de Catarina Alpoim)

Aqui, as narrativas, aparentemente fragmentárias, estabelecem pontos de cruzamento quer pelo seu conteúdo, quer pela forma como são contadas as histórias de vida, fornecendo a dimensão intersubjetiva de uma realidade transposta para os sucessivos estratos da memória coletiva.

Constatando as potencialidades do material recolhido, bem como o tempo limitado de todo o projeto, os estudantes envolvidos reconhecem a pertinência e importância deste contato com contextos reais de natureza diversa, tanto pela receptividade da comunidade bem como pela possibilidade de se entregarem a um projeto de forma intensiva, tal como expressam no texto de reflexão acerca do projeto:

“Sentir que éramos reconhecidos e bem-vindos para criar a nossa arte é uma sensação gratificante e foi a primeira vez que respiramos e estivemos somente entregues a um único projeto”.

3.2. Linhas de Cerromaior

O projeto intitulado “ *Linhas de Cerromaior*” consistiu numa intervenção que inicialmente parecia assumir um cunho essencialmente artístico mas que gradualmente foi revelando e delineando outras perspetivas de abordagem à intervenção em espaço público.

Projeto desenvolvido por um grupo de seis estudantes (Ana Rita Henriques, Ana Sofia Matos, Bruna Pimenta, Inês Silva, Mariana Santos e Patrícia Ribeiro) consistiu numa intervenção ao longo da *Rota Histórico-Literária de Cerromaior*, em Santiago do Cacém. A Rota revisita os espaços evocados por Manuel da Fonseca na obra *Cerromaior* publicada em 1943 onde a vila alentejana é cenário de vivências de um conjunto de personagens inspiradas nos seus habitantes à época.

O projeto assumiu a forma de uma intervenção de natureza efémera no pavimento das ruas, com o desenho, a giz, de uma linha e excertos do texto de “*Cerromaior*” ao longo da *Rota*, procurando estabelecer uma ligação entre espaço e narrativa literária.

Mais do que a apropriação estética do espaço urbano a proposta de intervenção levantou várias questões ao longo do processo criativo, desde logo, i) a necessidade de estabelecer um conjunto de premissas em conjunto com técnicos responsáveis pelo planeamento e manutenção do centro histórico onde decorreram as intervenções de modo a encontrar uma solução que não comprometesse a configuração dos lugares; ii) o dever de auscultar a comunidade (em especial comerciantes e habitantes), pelo que foi realizada uma consulta porta a porta pelo grupo de estudantes acompanhados de uma técnica superior da Câmara Municipal com a apresentação da proposta de intervenção, de modo a perceber o acolhimento junto das pessoas; iii) a possibilidade de encontrar formas de participação da comunidade no projeto, pelo que, a dada altura, os transeuntes e/ou residentes foram convidados a deixar uma marca da sua passagem pelos lugares, designadamente através da inscrição do nome numa das folhas de cartolina colocadas junto à “Casa das Heras” (fig.4).



Fig. 4 Projeto “Linhas de Cerromaior” 2015

A partir deste projeto foi possível perspetivar os múltiplos estratos de sentido que perfazem a apropriação dos espaços urbanos nomeadamente as ligações entre a sua configuração e vivências particulares que nele se desenrolam, a correspondência entre espaço real e ficção literária e, finalmente a transposição do texto para os domínios da visualidade como modalidades de um (re)olhar em volta, atribuindo uma (re)significação aos lugares.

3.3. Memória das Cabanas da Costa de Santo André

“*Memória das Cabanas da Costa de Santo André*” é um projeto em torno da construção/reconstrução de identidades e sentidos de pertença, críticos e plurais.

O projeto emergiu da memória da construção tradicional das cabanas dos pescadores da Costa de Santo André que aí se estabeleceram, no início do século XX, provenientes da zona de Aveiro, construindo habitações com os recursos disponíveis no local — madeira, caniço e estorno. Estas construções desapareceram, mediante a alteração do modo de vida dos seus habitantes, face à melhoria das condições socioeconómicas e integração de novos materiais de construção, mais duráveis (Escoval, 2003).

O projeto incidiu na memória da evolução destas habitações até ao atual bairro de pescadores, contando com:

- a) Seis painéis de azulejo transportáveis, em branco e/ou com inscrições prévias referentes às placas de sinalização da toponímia do atual bairro da Costa de Santo André que serviram de detonadores de memórias dos moradores, nos quais estes e os estudantes entrevistaram, materializando uma memória coletiva.
- b) Recolha do áudio das conversas com os moradores e registo em vídeo da intervenção nas placas de azulejo para a concretização de um vídeo documentário.

O projeto esteve a cargo dos estudantes Bernardo Monteiro, Inês Ferreira e Susana Rodrigues, mediado, de forma participada, pela docente que os acompanhou na residência, responsável também pela edição do vídeo documentário.

O grupo percorreu o atual bairro, interpellando moradores, arquivando aleatoriamente, investigando a memória imaterial arquitetónica das referidas construções primitivas. Esta intervenção procurou a conservação de uma memória em risco de perda, e a sustentação do orgulho e esperança (Adams & Goldbard, 2006) de uma comunidade que vivenciou uma realidade, física e afetiva, desaparecida na sua

totalidade, e que, por esse motivo, está afeta a um sentimento de desterro.

José Matias, técnico da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, mediou o primeiro contato com a história da lagoa, da pesca e das construções primitivas, generosamente, partilhou o seu conhecimento sobre fatos históricos e facilitou documentação imprescindível para um envolvimento *à priori* com o local. Mediou igualmente a primeira visita ao atual bairro de pescadores, levando-nos ao encontro do Sr. Júlio, artesão local, que mimetiza, em miniatura, algumas destas construções primitivas.

Durante a residência dos estudantes, o contacto com os moradores aconteceu mediante uma abordagem direta, “porta a porta”, cujos registos deste processo culminaram num vídeo documentário. Ao longo de dois dias, encontramos pessoas, com as quais conversamos, que tivessem sido moradoras do antigo bairro. Cinco pessoas cujas memórias remontam a esses “belos tempos” das vivências no bairro original: António Pereira, Maria da Luz, Maria Domingues, Maria Rosa, Júlio Sabino e Maria Fátima Cruz.

Testemunhos, fotografias, postais antigos, adereços, roupas, utensílios de cozinha e pesca, bem como a inscrição de desenhos e legen-

das nos painéis de azulejo constituíram-se na narrativa e imagética de um documentário. Deste modo, os azulejos deram corpo a uma memória coletiva mas, sobretudo, funcionaram como veículos de interação, epígrafes de contato com a comunidade corporizando os processos de partilha dessa memória, registados em áudio e vídeo. Os estudantes também entrevistaram, inscrevendo algumas das descrições que nos levaram ao tempo em que existiram Cabanas e gentes nas dunas da Costa de Santo André (fig.5).



Fig. 5 Projeto “Memórias das Cabanas da Lagoa de Santo André” 2015

3.4. Horizontes

O projeto “*Horizontes*” prende-se com questões de natureza mais inclusiva, em que se recorre às práticas artísticas com um objetivo de intervenção educativa e social.

“*Horizontes*” foi um projeto desenvolvido em parceria com a produtora Juvenil de Audiovisuais e Multimédia Claquete E6G, envolven-

do um grupo de estudantes da Escola Básica 2,3 Pintor Almada Negreiros, na Quinta Grande, de Lisboa pela mão dos estudantes de AVC, Antoine Sarnago, Rui Medronho e Pedro Vilares. Na orientação esteve a equipa técnica da Claquete, César Calado, psicólogo criminal e responsável pela coordenação do projeto, e Nuno Barbosa, técnico de animação sociocultural e ainda uma professora desta UC.

A Claquete E6G insere-se no projeto Raízes — Associação de Apoio à Criança e ao Jovem, do programa escolhas, 5ª e 6ª gerações, implementado na Junta de Freguesia da Charneca com vários parceiros. Como se pode ler no *site* do projeto, este tem como finalidade promover a inclusão social de crianças e jovens, a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social, através de atividades de promoção do sucesso escolar e da empregabilidade, de formação profissional e de aquisição de competências na área da TIC, bem como ainda de caráter artístico e cultural, baseando-se numa dinamização comunitária ou de associativismo. O âmbito do projeto tem como ideia central a criação de uma produtora juvenil de conteúdos audiovisuais que intenta desenvolver, com as crianças e jovens participantes, curta-metragens, documentários, videoclips, reportagens e outros

produtos multimédia como ferramenta pedagógica no sentido da promoção da inclusão social pela arte e, deste modo, contribuir de uma forma inovadora para a inclusão escolar, empregabilidade e capacitação dos jovens (Claquete E6G, 2016). A produtora situa-se num dos bairros de Lisboa com maior taxa de abandono escolar e colabora diretamente com a escola EB 2,3 Pintor Almada Negreiros integrando estudantes em projetos que visam o seu sucesso escolar.

Foi com base na linguagem comum — o audiovisual — que estes e os nossos estudantes comunicaram, envolvendo-se num projeto de fomento à continuidade escolar. Deste modo, nasceu um projeto de vídeo, em estrutura aberta, baseado em entrevistas, que envolveu um grupo de cinco a oito jovens da EB 2,3 — com idades compreendidas entre os quinze e dezoito anos — que apresentavam pouca motivação escolar e parca ambição para o seu futuro académico, bem como ideias vagas sobre os vigentes contextos ou subseqüentes oportunidades do ensino superior. Deste modo, numa perspetiva de igualdade de oportunidades e partilha de experiências por parte de quem adquiriu o conhecimento empírico do contexto em causa, os estudantes de AVC, abordaram o tema, propondo aos jovens uma reflexão, conjunta, sobre o atual contexto do ensino superior e possi-

bilidades de futuro. Um processo que valorizou e entrecruzou conhecimento e habilidade empíricos tanto dos jovens da Claquete para a produção audiovisual, como dos estudantes de AVC, colocando-os ao mesmo nível, assegurando uma plataforma de entendimento para o desenvolvimento da criatividade. O projeto assumiu um carácter *workinprogress* e culminou num vídeo participado, com carácter exploratório/documentário, desenhado em etapas (fig.6):

- a) Os estudantes de AVC começaram por propor aos jovens da Claquete responderem a algumas questões, previamente enviadas com o conhecimento do coordenador do projeto, em torno da sua perceção sobre o ensino superior. Em modo de entrevista, mediada por César e Nuno, aquando das filmagens no estúdio da Claquete, cada participante, individualmente, respondeu deixando-se filmar. Este material foi imediatamente devolvido aos nossos estudantes que o visionaram e arquivaram como representação do “Antes”.
- b) Os jovens foram, entretanto, convidados a visitar as instalações da ESELx para que pudessem aceder ao contexto dos estudantes de AVC, do mesmo modo que estes, inicialmente, visitaram o contexto da Claquete. A visita guiada pretendeu dar a conhecer o

Campus de Benfica, do IPL, os diversos pavilhões e escolas, os serviços disponíveis para os alunos, tentando materializar/ desconstruir algumas ideias pré-concebidas. Durante a visita, jovens e técnicos da Claquete foram guiados pelos estudantes de AVC aos ateliers de Pintura, Escultura, Cerâmica, sala de Desenho — para além de outros espaços da escola — tendo contato direto com as dinâmicas, materiais e processos, inerentes ao desenvolvimento de projetos artísticos que aí se praticam. Colocaram questões, debateram ideias e, na perspetiva dos estudantes de AVC, os jovens “*ficaram espantados com a quantidade, qualidade e diversidade dos trabalhos*”, de onde se percebeu alguma admiração com o encontrado, “*interesse pela maneira como se podem abordar temas com os quais eles próprios se identificaram*”, percebendo-se o “*à vontade*” com que estavam no ambiente. Durante a visita, os estudantes de AVC decidiram não recorrer a qualquer registo audiovisual que constrangesse comportamentos.

c) O “regresso às câmaras” foi feito mediante nova série de questões, após visita, agora sobre uma hipotética mudança de visão destes jovens sobre o ensino superior, momento referenciado como o “Após”.

d) A montagem/ edição de todos os momentos e devolução do projeto à comunidade que culminou num único vídeo, da autoria dos estudantes de AVC, enquanto proposta artística, colaborativa. Grosso modo, um vídeo que agrega todas as opiniões “Antes” e “Após” dos jovens da Claquete e convida o espetador a refletir sobre as suas opiniões! Quando apresentado este vídeo, os jovens foram filmados, bem como as suas reações, ao confrontarem-se com “a sua própria mudança”! Importa ainda referir um momento intermédio, de iniciativa dos jovens da Claquete, de entrevistas realizadas aos estudantes de AVC sobre o seu sucesso/ motivações tanto no ensino básico/secundário como no superior. O produto final é um agregado, editado, de tudo todas estas fases e momentos. <https://www.youtube.com/watch?v=yn4BcrPKvU0>



Fig. 6 Projeto “Horizontes” 2016

3.5. A Cor da Idade

O projeto “*A Cor da Idade*” prende-se com o envolvimento de pessoas em processos participativos, negociados, e contou com a participação de utentes do Centro de Dia de Alvalade Sado e dos estudantes Anastasia Mironas, Artur Almeida, Joana Pedreira, Sara Abreu e Sofia Mendes, orientado por uma das docentes envolvidas na UC e pelo Animador sociocultural do centro Valter Guerreiro.

Ao Centro de Dia, que pertence à Casa do Povo, recorrem diariamente habitantes locais e vizinhos desta vila alentejana, para cuidados de saúde, higiene, alimentação, e diversas atividades, tais como: ginástica, *ateliers* artísticos, bailes temáticos, coro, marchas, contrariando o isolamento e promovendo a participação comunitária destas pessoas.

Este grupo de estudantes foi desafiado para conceber, colaborativamente, um painel decorativo para a nova ERPI (Estrutura Residencial para Pessoas Idosas) de Alvalade Sado. A ideiação do painel baseou-se no sentido de pertença e proximidade, do contexto desta comunidade, elegendo como tema o autorretrato, promovendo e valorizando o “jogo do reconhecimento do outro”, contando com cerca de vinte e seis participantes, com idades compreendidas entre os

sessenta e cinco e os noventa anos — o grupo sénior que integrava, voluntariamente, as atividades do Centro de Dia.

O projeto contemplou:

- a) Um primeiro contato dos estudantes de AVC com o grupo de utentes, numa visita de apresentação e de trabalho no Centro de Dia.
- b) Uma visita dos utentes seniores à ESELx, para conhecerem as instalações e participarem numa sessão de trabalho conjunto;
- c) Uma residência no Centro de Dia, de três dias, para desenvolvimento e conclusão do painel.

O primeiro contato caracterizou-se pela partilha de histórias de vida, cuja memória se demarca pelo trabalho árduo, doméstico ou no campo, em fábricas e/ou na costura. Esta abordagem foi sugerida pelo Valter Guerreiro, tendo os estudantes questionado individualmente os utentes sobre a paleta de cores preferidas, numa pré-seleção de amarelo, vermelho, verde e azul (referentes às cores do novo lar) e memórias associadas a essa escolha, informações que colaboraram na ideiação cromática dos autorretratos a realizar. Na sessão inaugural, os estudantes anotaram cores, memórias, nomes e fotografaram o perfil de cada participante. Apresentaram-se e escuta-

ram as apresentações destas pessoas, procederam ainda à explicação da ideia inicial para o projeto solicitando-se o envolvimento de todos e a sugestão de ideias. Selecionaram-se materiais e técnicas, agendando-se nova sessão de trabalho. Optou-se pela matéria têxtil, partindo de técnicas de costura basilares, pois tanto estudantes como a maioria dos utentes conheciam e dominavam. Ficou decidido que o painel resultaria na composição, modular de autorretratos em tecido. A segunda sessão trouxe estas pessoas ao espaço da ESELx, um momento rico de partilha de realidades e experiências. Os estudantes prepararam, de antemão, as impressões das fotos de perfil dos participantes, editadas digitalmente, impressas a preto e branco, em folhas formato A3. Na sessão de trabalho na escola, procedeu-se ao recorte das imagens e, cada utente escolheu entre os tecidos solicitados/ recolhidos cores, texturas e padrões com que mais se identificava.

Quando da residência no Centro de Dia, procedeu-se à colagem dos perfis numa base em feltro, com a cor de cada participante, procedendo-se ao corte e costura dos tecidos, compondo-se cada módulo, prosseguindo para os acabamentos e derradeira união das partes do painel. As sessões de trabalho, em residência, foram organizadas

entre estudantes e utentes, contando com a mediação da docente da UC que os acompanhou e do animador sociocultural do Centro que nos apoiou tanto nos procedimentos e objetivos, como nas dificuldades técnicas, sentidas ao longo do projeto (fig.7).



Fig. 7 Projeto “A Cor da Idade” 2015

O envolvimento e o espírito de entajuda permitiram que o projeto se cumprisse, no tempo estipulado. Uma reflexão final conjunta, com estudantes e participantes, descreveu a experiência como única, gratificante a todos os níveis, sobretudo humano. As dificuldades sentidas por alguns utentes e pelos estudantes em dar resposta a todas as solicitações, ao longo do trabalho, não puseram em causa a qualidade do resultado final e todos se mostraram agradados com o painel realizado. O projeto, tal como previsto, foi mais tarde instalado na ERPI. Importante referir que, longo do seu desenvolvimento,

se recorreu, sistematicamente, à fotografia e vídeo, como meios de registo.

4. Cruzamentos

Uma reflexão alargada acerca do trabalho desenvolvido no âmbito de projetos tão diversos leva-nos a ponderar um conjunto de eixos de atuação que cruzam criação artística, intervenção comunitária e os princípios da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global anteriormente mencionados.

Num primeiro momento, há a considerar um conjunto de aprendizagens que, tendo por base princípios de ordem conceptual, estruturam e dão sentido às diferentes abordagens artísticas. Como vimos, segundo os princípios da UNESCO da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global existem 3 dimensões que definem aprendizagens, designadamente i) uma dimensão cognitiva que prevê a compreensão das questões locais, regionais e nacionais bem como a interdependência com uma escala global; ii) uma dimensão socioemocional preconizada por um sentimento de pertença, empatia e respeito face à diversidade sociocultural; iii) uma dimensão comportamental que sustenta a atuação responsável e consciente a nível local, nacional ou global.

Considerando as diversas modalidades de atuação levadas a cabo pelos estudantes, os processos de trabalho desenvolvidos bem como os impactos da sua ação, é possível estabelecer algumas linhas de reflexão a partir das experiências concretas que nos permitem perceber os pontos de cruzamento entre os pressupostos teóricos de suporte às propostas de atuação, no âmbito da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global, e os dados que emergem de experiências efetivas levadas a cabo em diferentes contextos — nada melhor do que a atuação no terreno para aferir a validade dos postulados conceptuais.

Como vimos, todos os projetos partiram de um contato prévio — realizado pelas equipas de docentes — com os interlocutores em cada contexto de atuação visando perceber as problemáticas a abordar e grupos com os quais os estudantes poderiam desenvolver projetos. Neste primeiro momento é possível perceber de imediato o leque de interesses comuns a integrar numa discussão posterior com os estudantes. Em segundo lugar são realizadas pesquisas que possibilitam documentar os contextos nos seus diversos aspetos (históricos, sociais, culturais, geográficos, demográficos, etc.) para que as primeiras visitas aos locais de intervenção e respetivo contato com

as comunidades envolvidas possam ser apoiados de informação documental capaz de complementar a recolha empírica que então se inicia. Estes contatos variam de acordo com a natureza dos projetos mas, regra geral dividem-se entre visitas com a duração de um dia e as residências artísticas que têm a duração de três dias de trabalho intensivo. Assim tem sido possível uma maior compreensão dos contextos de atuação já que todas as aproximações à comunidade são informadas e complementadas com um diálogo prévio com os espaços, os objetos, as imagens e as pessoas. Interessa aqui sublinhar que esta metodologia de aproximação tem permitido aos estudantes um contato e compreensão de problemáticas a uma escala local e regional, passíveis de se ampliar à escala nacional e que, em última instância, repercutem dinâmicas transnacionais. A título de exemplo, destacamos algumas destas problemáticas e contextos em que se expressaram com maior evidência:

a) Alterações socioeconómicas originadas pela introdução crescente da máquina no trabalho agrícola, e repercussões imediatas ao nível das comunidades rurais ou impactos das políticas agrícolas das últimas décadas, são problemáticas afirmadas como eixos estruturantes dos projetos desenvolvidos nos Museus do Trabalho

Rural e da Farinha. Convocaram processos artísticos onde se cruzam dimensões como memória, identidades, património material e imaterial. No final, fica a perceção não só destas realidades particulares mas também a compreensão e sentido crítico face a processos de ordem histórica, social e económica, da sua transversalidade em relação a outras realidades/territórios. Neste caso, os processos subjacentes à transformação das realidades vivenciadas e objetos de uso quotidiano em objeto museológico, estetizado. Por fim a teia de ligações entre acontecimentos ocorridos a uma escala micro (a da comunidade) e uma escala transnacional (o impacto de decisões tomadas em sede da Comunidade Europeia, por exemplo).

b) Modalidades em que se expressa o envelhecimento da população e as dinâmicas intergeracionais como realidades que marcam diversas sociedades (sobretudo ocidentais). A partir da experiência de trabalho colaborativo com os utentes do Centro de Dia de Alvalade Sado foi possível aos estudantes compreender um conjunto de aspetos que se articulam com as formas pelas quais o envelhecimento da população se apresenta, de acordo com um conjunto de vivências socioculturais, contextos familiares e profissionais,

graus de escolarização, capacidades motoras, etc... Neste caso, apesar de se tratar de um grupo particular, o facto é que algumas das questões que se levantaram são transversais à sociedade portuguesa. Esta experiência foi apontada quer pelos estudantes quer pelos utentes do Centro de Dia como um espaço de partilha de conhecimentos e vivências onde sobrevieram a empatia e o respeito mútuo, ou, por outras palavras, o processo criativo partilhado pelo grupo intergeracional tornou palpável a dimensão socioemocional que sustenta a Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global.

c) Discursos e reconfigurações identitárias a partir da memória dos lugares. A construção de uma memória que se transfigura em imagem identitária constitui-se como uma questão que, de forma mais ou menos direta atravessou transversalmente os projetos das *Cabanas da Costa de Santo André* e *Linhas de Cerromaior*. O conhecimento de uma realidade circunscrita ao local, que advém de circunstâncias nacionais e historicamente datadas, só é possível apreender em análise contextual, através das práticas artísticas, materializada numa experiência de partilha, considerando o seu distanciamento à realidade dos estudantes. Observamos que a

mediação de dispositivos audiovisuais e/ou intervenção plástica intensificou o contato com os contextos e população, aproximando os estudantes das realidades, reforçando empatia pelo património material e imaterial.

d) Desigualdades no acesso à educação, contextualizadas no local que refletem dinâmicas nacionais/ transnacionais. O projeto Claquete E6G moveu os estudantes de AVC para o conhecimento de uma realidade divergente da sua e ampliou, simultaneamente, o leque de possibilidades que os jovens envolvidos consideravam viáveis para o seu percurso académico. Sublinha-se aqui a importância do papel mediador dos responsáveis pelo projeto Claquete E6G que, na sua qualidade de mentores do grupo, sustentaram a abertura, entusiasmo e apropriação criativa do processo.

5. Devolução dos projetos à comunidade

A devolução dos projetos à comunidade assume-se como uma etapa fundamental já que se trata de um momento de discussão dos processos e partilha dos resultados. Ainda que os processos de trabalho assumam um protagonismo no âmbito dos diversos projetos — já que prefiguram partilhas e aprendizagens várias quer de natureza cognitiva, técnica, comportamental, emocional e afetiva — a perce-

ção de um resultado final constitui-se igualmente importante uma vez que traduz a capacidade de execução do grupo envolvido, materializando assim as suas competências técnicas, estéticas, comunicacionais, sociais e humanas.

Por conseguinte, esta etapa assumiu duas vertentes: a realização de uma exposição itinerante com a apresentação dos projetos realizados no ano letivo 2014/15 e a realização de encontros abertos à comunidade, com a participação das pessoas e instituições envolvidos.

A realização de uma exposição composta por um conjunto de painéis-síntese dos vários projetos passou por alguns dos locais, entre agosto e novembro de 2015, nomeadamente pela antiga barbearia em Abela, Casa do Povo de Alvalade Sado, Auditório António Chaínho, em Santiago do Cacém, terminando a itinerância na ESElx. Esta exposição foi complementada pela realização de um encontro, com vista a refletir conjuntamente acerca dos processos de trabalho desenvolvidos no concelho de Santiago do Cacém bem como da apresentação dos vídeos realizados com as comunidades na freguesia de Abela e na Costa de Santo André. O encontro, aberto à comunidade, intitulado “*Arte e Comunidade. Memória, Partilha e Reflexão*” teve lugar no Auditório Municipal António Chaínho, no dia 31 de outu-

bro de 2015, e contou com a presença de estudantes da ESElx, representantes das instituições que apoiaram e/ou acolheram os projetos e os participantes diretos das várias freguesias. A apresentação dos vídeos promoveu uma conversa em moldes informais, baseada em opiniões, experiências e memórias plurais.

Quanto aos projetos desenvolvidos no ano de 2016, o projeto “*Horizontes*” integrou a apresentação oficial dos cinco trabalhos produzidos pelos alunos das turmas de curso vocacional da Escola Pintor Almada Negreiros que participam na Claquete sob a forma de curtas-metragens realizadas sobre temas do seu interesse, com diferentes parceiros.

No caso do projeto “*Vivências*” realizado no Museu da Farinha em S. Domingos foi apresentado, no dia 1 de outubro, o vídeo realizado com a recolha de testemunhos e imagens aquando das visitas e residência artística. Há a sublinhar que todos os vídeos foram gravados em suporte DVD e oferecidos quer ao Museu do Trabalho Rural e da Farinha bem como às pessoas que contribuíram com o seu testemunho.

Finalmente, referir que o conjunto de questões que se foram colocando, ao longo destes encontros, e *feedback* que nos chegou, levou-

nos a considerar a importância da partilha de diferentes falas, designadamente daqueles que conhecendo realidades sociais, económicas e culturais diversas, dão um contributo valioso na formação dos estudantes de AVT, através da possibilidade de integrar uma dimensão coletiva e partilhada num campo tradicionalmente centrado no indivíduo-artista (fig.8).



Fig. 8 Devolução dos projetos à comunidade 2015/ 2016

Reflexões finais

Um balanço do trabalho desenvolvido entre os estudantes e as comunidades bem como o papel enquanto docentes leva-nos a equacionar diversas questões que iremos sintetizar em cinco pontos.

Em primeiro lugar a imprevisibilidade dos processos (mesmo quando há um planeamento cuidado dos vários aspetos que os recobrem) e a impossibilidade de aplicar modelos estabelecidos de modo linear (quer ao nível da intervenção artística quer na prática educativa). Na

verdade, os processos de trabalho desenvolvidos ao longo destes 2 anos letivos estiveram sujeitos a diversos constrangimentos, o que levou à criação de soluções específicas, adequadas a cada contexto, problemáticas, territórios, comunidades envolvidas e respetivos interlocutores bem como uma reavaliação constante da nossa própria atuação enquanto docentes - ponderando por exemplo maior ou menor grau de intervenção em cada projeto.

Em segundo lugar, o papel fundamental das pessoas envolvidas sejam os vários interlocutores que fizeram a mediação entre os estudantes e as comunidades (proporcionando o contato entre ambos e mobilizando os recursos que possibilitaram a concretização dos projetos) ou as pessoas que integraram e participaram diretamente nos projetos (e que com o seu conhecimento e experiência partilhados contribuíram para despertar a consciência para situações de fragilidade e desigualdade social, de género, cultura ou idade).

Em terceiro lugar, a inesgotável corrente de referências que advém do contato direto com diferentes realidades, partilha de experiências, expectativas, sucessos e fracassos, poderá assumir um papel fundamental no âmbito de processos criativos quer nos domínios das artes visuais quer do *design*.

Em quarto lugar a observação dos princípios e bases conceptuais da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global (enunciadas pela UNESCO) através da sua discussão em espaço de aula e posteriormente a sua transposição para uma atuação prática no terreno que teve como finalidades principais um contato com as diferentes realidades que configuram a sociedade atual nas suas múltiplas dimensões (local, regional, nacional), bem como a capacidade de analisar e refletir criticamente acerca delas (tomando consciência das desigualdades que se perpetuam no tempo e/ou que refletem dinâmicas transnacionais/globais) e a capacidade agir de forma responsável mobilizando as diferentes linguagens das artes visuais.

Finalmente, em quinto lugar, o reconhecimento de que as questões de natureza teórica subjacentes à educação para a cidadania global foram abordadas de uma forma superficial no que toca às ligações que podem estabelecer com os domínios das artes e do *design*, ficando a pairar uma certa ambiguidade quanto a este ponto - ainda que a experiência no terreno tenha demonstrado a sua apropriação em linhas gerais e respetiva aplicação a diversos níveis através das práticas artísticas.

Considerando este último aspeto, a equipa de docentes diretamente implicados na lecionação da UC de AVC e ED decidiram reformular algumas questões quanto ao funcionamento e sobretudo, designação das UC. Neste sentido, e procurando desfazer quaisquer ambiguidades que possam subsistir quanto à natureza das abordagens levadas a cabo, foi proposta a renomeação da UC para *Educação para a Cidadania Global e Artes Visuais* estreitando igualmente assim a ligação com outras UC lecionadas aos cursos de licenciatura em Educação Básica e Animação Sociocultural que adotaram a mesma designação de base e partilharam as aulas durante o 1º semestre do ano letivo.

Referências Bibliográficas

- Adams, D & Goldbard, A (2006). *New Creative Community: The Art of Cultural Development*. NY: Rockefeller Foundation.
- Bruyne, P & Gielen, P. (2011). *Community art. The politics of trespassing*. Amsterdam: Valiz.
- Campos, R. (2010). *Porque Pintamos a Cidade. Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Lisboa: Fim de Século.
- Claquete 6G (2016) Disponível em <http://raizes.pt/projectos/claquetee5g/>
- Coutinho, B. (2016, junho). Arte e Intervenção - Juntos podemos aprender a pescar. *XXI Ter Opinião*, pp.111-117.
- Dias A. Pereira, L., Laurent, S., (2016) “Educación para la Ciudadanía Global: una Experiencia Curricular en la Escola Superior de Educação de Lisboa” in Ruiz , C., Doreste, A., Mediero, B., (editores). *Desconstruir la Alteridad desde la Didáctica de las Ciencias Sociales: Educar*

para una Ciudadanía Global. Las Palmas: Universidad de Las Palmas y AUPDCS

- Dias A. Pereira, L., Laurent, S., (2016) “Processo de co-construção de uma Unidade Curricular de ED”, in *Sinergias. Caderno de Estudos*. Disponível em <http://www.sinergiased.org/index.php/revista/item/87-unidade-curricular-ed>
- Escoval, A. (2003) Cabanas: um exemplo de construção tradicional na Costa de Santo André. In “*O Homem, a terra e a Lagoa. Cadernos do Património n.º 0*”. Edição Câmara Municipal de Santiago do Cacém.
- Estratégia Nacional da Educação para o Desenvolvimento. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/estrategia_nacional_educacao_desenvolvimento.pdf
- Georges, S. et al. (2002) *Conversations on community theory*. Purdue: University Press.
- Gonçalves, S. Sousa, F (Org) (2012). *Escola e Comunidade. Laboratórios de Cidadania Global*. Lisboa: Instituto de Educação.
E-book disponível em:
http://www.ie.ulisboa.pt/portal/page?_pageid=406,1729797&_dad=portal&_schema=PORTAL
- Jacob, M. et al. (1995). *Culture in action: a public art program of sculpture Chicago curated by Mary Jane Jacob*. Seattle: Bay Press.
- Lacy, S. (1995). *Mapping the terrain: new genre public art*. Seattle: Bay Press.
- Maio, F. (2011). *Encenação da Arte*. Leiria: Textiverso.
- UNESCO (2015). *Educação para a Cidadania Global. Preparando alunos para os desafios do século XXI*. Brasília: UNESCO disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002448/244826POR.pdf>